

RESUMO

A força do passado na determinação do presente é uma descoberta cotidiana. Resgatar as marcas do tempo escolar das aulas de história, projetam uma série de lembranças, que desenham um diversificado mosaico. Pensando a história como representação de um determinado segmento da sociedade, a idéia de combate apresenta-se como uma perspectiva de análises entre as diversas formas de registrar e narrar o acontecimento histórico. Nesse sentido o depoimento de Arnaldo (transcrito no texto) vem evidenciar como a história como representação e combate coloca-se como disputa de vida ou morte.

Brincando de Lembrar.

Quero iniciar esse texto por convidá-los a uma viagem ao passado, dos nossos tempos de alunos de primeiro e segundo graus, resgatando a história que nos ensinaram. A história que a escola e a sociedade nos permitiram saber. Alguns momentos, acontecimentos históricos ficaram marcados de maneira indelével em minha memória.

Na Idade Antiga, os jardins suspensos da Babilônia me causavam curiosidade e inveja por o Brasil não ter iguais. As pirâmides do Egito era outro momento de surpresa e admiração. Os romanos e seu império. Os circos, os gladiadores, os Césares. Era uma história grandiosa e distante.

As razões, as causas estavam sempre nas brigas particulares, traições, vontade de poder. As guerras inúmeras me intrigavam.

Do Brasil, a lembrança de Cabral, a primeira missa, a catequese, os donatários, o desinteresse dos portugueses. Os governos gerais, a invasão holandesa, os bandeirantes, a mineração, a inconfidência mineira. Tiradentes - aquelas longas barbas aquele camisolão, aquele ar de Jesus Cristo. Impressionava-me a palavra alferes, que mistério, que sentido, - nunca entendi - alferes, era tudo era nada. Tanto poder, nenhum poder. Hoje rememorando, me revejo adolescente já captando essa ambigüidade, no tom, no ritmo, na possibilidade de tudo e de nada.

E a casa salgada... foi a Cartago que conheci depois. Os pedaços esquartejados, a cabeça em um local, o braço em outro. Viver é muito perigoso. Tiradentes me atraía e me dava medo - sentia minha cabeça fora do lugar - .

A escravidão. A cor e a senzala caminhavam de mãos dadas. Nunca duvidei. Um dia a sociedade descobre o absurdo e surgem as leis benvolentes, Ventre Livre, Sexagenário, Abolição.

¹ Doutor em História pela Unicamp. Professor de História do Colégio de Aplicação, do Mestrado de História e de Educação da UFPE.

Escravidão - abolição - como era boa aquela mulher ! Princesa Isabel. Sexagenário. Os velhinhos de sessenta anos não mais trabalhando. Que surpresa descobrir há alguns anos que a lei fora modificada e só libertou quem tinha sessenta e cinco anos. Acreditei durante vinte anos na liberdade aos sessenta anos. E o ventre livre, já nascer livre - como fiquei feliz da bondade dos senhores e da alegria das mães. Vim descobrir muito depois que as crianças nascidas em 1872 (só seriam livres aos vinte e um anos ...1893). A abolição antecipou o ventre livre em cinco anos.

A Princesa Isabel, cercada de ex-escravos, com as correntes partidas. Era uma simples gravura nos livros didáticos. Dalí minha imaginação construía o imaginário dos tempos de escravidão. Ah, como surpreende descobrir que não era aquela corrente que escravizava, dominava, submetia ! A outra, o medo da morte, da tortura, do chicote, do sal e vinagre nas mãos inchadas da palmatória, das costas lanhadas, do dedo cortado, do corpo marcado a fogo. Da perda dos filhos vendidos, separados. Quem sabe dessa abolição ...

D. Pedro I. Independência ou morte. D. Pedro II. Como eram majestosos nossos imperadores !

Deodoro da Fonseca. República. A riqueza vem do café. Mas muito pouco se ensinava da história contemporânea. História e distância no tempo caminhavam de mãos dadas.

Resgatar essas lembranças de uma história dos bancos escolares é um primeiro passo no sentido de uma reflexão sobre a história que nos propomos a ensinar aos nossos alunos.

Quanto de estudo, leitura, cursos, experiências de vida, nos levaram a construir uma outra visão, do passado, explicações para o presente e projetos para o futuro !

Em um período, onde se tem questionado tanto a razão, reafirmar sua importância na construção do conhecimento se coloca como primordial. Afinal, é através desta que poderemos superar a idéia de que a história - a nós ensinada - não está no binômio falso ou verdadeiro e passamos a discutir a função da história então ensinada/aprendida na construção e reprodução da sociedade. (Ruanet, 1989)

Independência e Luta.

A história de heróis, mitos, acontecimentos grandiosos e distantes no tempo fizeram e fazem parte da prática e da teoria do ensino da história em muitas escolas neste País. Entretanto, há de se reconhecer algumas mudanças neste quadro.

São as potencialidades e os diversos papéis que o ensino da história propicia que passamos a analisar.

O primeiro passo da nossa reflexão é reconhecer que assim como muitas outras profissões - a de professor, em nosso País, exige disposição para uma luta que não é apenas corporativa - por condições de trabalho e de vida - mas sobretudo pela redefinição do papel e da função da educação. O professor de história - assim como todo trabalhador - não pode estar dissociado, não pode estar alheio a este trabalho. Chamo trabalho exatamente para dar a dimensão cotidiana à atividade política de que todos que se comprometem com a educação precisam estar embeudados de forma a projetar uma luta longa pela construção de um outro perfil da educação no Brasil.

A partir desta perspectiva há de se analisar as conseqüências que a história comumente ensinada tem na formação do futuro cidadão.

Uma história que projeta os destinos da sociedade, decididos por poucos homens. Onde os acontecimentos cotidianos são apagados, onde a participação da população é no máximo, pano de fundo resultando na construção da idéia de que a história são os outros. Afinal, acabamos nos inserindo e participando de um imaginário onde a história se constrói ao nosso largo.

Façamos um raciocínio ao inverso e imaginemos toda população se sentindo dentro da história e com capacidade e poder para influir nesta. O quanto deve ser difícil para as estruturas políticas e sociais passar a conviver com um povo que reage e luta contra o que discorda, contra as injustiças, contra as desigualdades.

Logo, a história pitoresca de heróis e os cognominados grandes acontecimentos é, sobretudo, uma história da impotência. Esse, poderíamos afirmar, seria um dos principais resultados. Somos impotentes para mudar, porque quem sempre mudou foram os outros, assim nos ensinaram. A força desta representação, deste imaginário, exige um longo trabalho para sua transformação (Ferro, 1981).

Não é fortuito ou casual que esta história tem sido ensinada tão intensamente. Ela contempla as formas de relação do poder político do Estado com os diversos segmentos da sociedade.

Repensar o ensino da história é repensar a sociedade e o cidadão que aí se redesenham. As reações, resistências a estas mudanças se projetam no quadro complexo que são as transformações sociais.

Fica evidente como a história opera a nível de valores. Ao privilegiar o enfoque e um tipo de compreensão para o passado está definindo uma explicação para o presente e um projeto de futuro.

Dessa forma, a história, enquanto conhecimento, tem um papel determinante na formação da visão do mundo, da população e por extensão na própria condição de cidadania (Ferro, 1989).

Nesta senda, a resposta do professor de história a este quadro se realiza em vários níveis. O estudo, o conhecimento, deve-se constituir em pedra angular. Este é inesgotável sempre nos deixando na condição socrática de nada saber. Devemos, porém aceitar o desafio como elemento indissociável desta profissão. Afinal, a competência é condição necessária à criação, à invenção, à mudança.

Um outro nível da questão é a consciência da própria visão de história que se está construindo para os alunos. Essa construção exige muitas e muitas vezes irmos além dos livros didáticos (apesar de hoje termos já diversos livros que superaram a visão tradicional dos heróis e grandes acontecimentos) buscando trazer para a história o cotidiano e a participação da população que também constrói uma história. Aqui, evidentemente, passamos a enfrentar a questão das histórias ... e do sentido da história (Pinsk, 1989).

Surpreende descobrir que a história, os acontecimentos, os valores que determinam a visão do passado da população não é única, homogênea, dominante. Antes descobrimos a diversidade de passados. Cotidianos tão diversos nos fazem encontrar entre a população uma outra visão de mundo, resultado desta diversidade de passados.

História: Território de Guerra.

O trabalho, as atividades cotidianas de associativismo político, sindical, religioso, lúdico são espaços de construção da história dos diversos segmentos cognominados popular (Sader, 1987).

É esta a história vivida, sentida por uma enorme parcela da população. E nesse espaço se estabelece um campo de guerra. Há na população uma consciência agudíssima da importância do passado para o governo do presente.

Arnaldo, morador de um bairro periférico do Recife, (Casa Amarela) com mais de quatrocentos mil habitantes, em depoimento para o Departamento de Memória da Federação dos Moradores do referido bairro, nos dá uma dimensão da história sua e de parcela significativa daquela população: "O dinheiro deu o nome e o título de Coronel. A maior parte desses coronéis de hoje em dia, tudo é o dinheiro. Tem paulista, é o que eles são, coronel do dinheiro. Então, o Othon tinha dinheiro. E por causa do dinheiro é que tem esse nome de Coronel. Coronel Othon. Então, quando ele chegou praí, ele comprou aquilo ali e fez uma fabricazinha pequena. Comprou os teares, velhos, era um tearzinho pequeno, trouxe praí e montou uma pequena gangorra, né ? Pequenezinha, fábrica de tecido. E ali foi crescendo, foi crescendo, que hoje em dia tá quele mundo de fábrica. E dali tem saído outras fábricas, muitas fábricas ele tem tirado daí, tem construído muito. A água, a luz, o transporte, para nós conseguirmos foi tudo através de luta aqui mesmo. Aqui, ajuntando o povo e lutando. Água, pediu água. A luz, pediu luz. A vida era assim. Lutar para chegar a água. Agora quando a água chegou, chegou logo no reservatório, fizeram logo um reservatório lá no alto. Ficou mais fácil para distribuir, né ? A gente queria botar luz numa rua, se juntava os moradores, um, dois, três, contava quantos morador tinha, você quer entrar na cota ? Quero! Então vai dar tanto. Fazia aquela ficha e pagava pra comprar os postes, a gente é que comprava os postes, comprava os fios e chamava o electricista, botava, instalava tudinho, chamava os tramys, era tramys naqueles tempo, a velha tramys, que acabou-se, né? Hoje em dia é dona Celpe. Mas naquele tempo era dona Tramys, a dona Tramys vinha, que era a dona de tudo e ligava, fazia a ligação, mas a gente é que pagava tudo.

Agora tem uma coisa: a gente pagava e, depois de vinte e quatro horas, aquele poste não era mais da gente, não. Não senhor. A gente comprava os postes e instalava na rua, depois de vinte e quatro horas aquele poste passava pra tramys. Era assim. Era da Tramys. O poste com toda instalação era da tramys, a gente só ficava com a luz interna da casa. Outra história é a da terra. A família Rosa Bores se diz dona deste mundo que é Casa Amarela ... Eles nunca foram dono de nada e hoje ele se diz dono de tudo e todo mundo acredita que ele é dono, certo ? Mas que eles nunca foram dono de nada, mas de nada mesmo, isso é preciso vocês botarem na cabeça de vocês, tirar da cabeça de vocês, porque tirando da cabeça de vocês, vocês levam pros outros conscientes, mas enquanto estiver na cabeça de vocês, vocês não leva não ! Não leva, não ! Vocês vão dizer: não, mas ... fica gaguejando. Negócio é que tira da cabeça de vocês que

Rosa Borges nunca foi proprietário de nada. E como ele se diz proprietário ? Ai é que é danado. Ele não se diz proprietário.

E hoje não é proprietário. Ai é que tá a história. É o furto, a roubalheira, a ladroice que existe dentro da política, junto com juiz, advogado, não sei, quantos diabo, que fizeram isso.

Fizeram Rosa Borges ser dono daquilo que não era dele. Que isso aqui não tinha dono, não. Isso era da Santa Casa de Misericórdia, já ouviu falar ? Santa Casa de Misericórdia, pronto. Santa Casa de Misericórdia. Você ia tirar lenha, tirar fruta, e tinha vigia: o que é ? Santa Casa de Misericórdia ? É tire aí. Pronto. De Rosa Borges não tinha nada. Ai Santos Marinho, que é velho, vocês conhece Santos Marinho ? Já morreu, né? Rosa Borges infiltrou-se como parente de Santos Marinho e veio para dentro de Casa Amarela, Rosa Borges, solteiro, moço, veio e se infiltrou com a família de Santos Marinho, certo ?

Ajudando Santos Marinho mas com sentido de roubar, de tomar a parte. E aí ficou como ... Depois ele disse que foi administrador, que ele entrou como administrador, mas não tinha ninguém para governar, ele foi que governou e por causa disso ele passou... A história ele conta assim. Bom, ele fez tudo isso, né ? E a lei, a própria lei. E danado é isso, né ? Eu dá uma tapa em você, sem você abusar comigo, mas eu tenho dinheiro e chego lá na delegacia, prendo você, você fica preso e eu venho embora, já entendeu ? Acontece isso. Eu dá uma tapa em você, você sem tá fazendo nada mas chega na delegacia, você fica preso e eu não. Foi isso o que Rosa Borges fez, veio pra Casa Amarela tomar conta de tudo, dominou tudo, hoje em dia se diz dono de Casa Amarela, propriedade imensa e ele diz é dele, mas Santos Marinho foi que deu a mão a ele, né ? Foi que botou ele aqui e ele ficou aqui dentro, depois ele passou a ser administrador, ele é que diz. Passou a ser administrador na História, né ? Passou a ser administrador, ele. E, através da administração, como não tinha dono, não passou a ser dono. Ele que diz. Mas não é. Isso aqui era Santa Casa era dona de tudinho, era a Santa Casa de Misericórdia. é que mandava aqui. A Igreja perdeu. Que a Igreja tem a boca calada porque a Igreja também é outra ladrona, sabe ? Com licença da palavra, né ? Quem é católico, né ; Hum ! Que a Igreja também gosta de um roubo, não é ? Ai, calou-se; aí, Rosa Borges tomou a frente, ficou dono de tudo, mas ele não é dono de nada. E, hoje em dia, ninguém pode dizer que ele não é dono, não porque ele tá com a lei, ele passou tudo em lei, ele é sabido que é danado, tem cartório, a família toda estudou, formou-se, tem juiz na família dele tem advogado, tem tudo, fez tudo na boa, você é minha família, olha, eu aproveito vocês tudinho. Ai calou-se cada um com um pão, foi o que Rosa Borges fez. Hoje tá Rosa Borges aí, rico, dono disso aí tudinho, você quer um terrenozinho ? Não pode. Agora, se Deus chegasse aqui, agora, e pedisse um terrenozinho quanto ele ia cobrar de Deus ? Porque quem faz a terra é Deus "(Montenegro, 1987).

Esse depoimento de Arnaldo, em 6 de Novembro de 1987, e falecido em Agosto de 1988, aos 68 anos, evidenciam como no fazer cotidiano estão os elementos e as referências determinantes da visão histórica da população.

Vimos como Arnaldo se refere à história com um sentido claríssimo, profundíssimo. É na luta com o poder de Rosa Borges, pelo controle do passado, que ele se remete constantemente. Esta é sua luta. Por na cabeça do povo a versão dos antigos moradores

- pois perder esta batalha é perder o poder de luta e mobilização. "Botar" na cabeça outra história para não gaguejar como dizia Arnaldo. Porque, como mostra, quem domina a história domina as leis, governa...

Na sala de aula o nosso trabalho deveria estar marcado para dar ao aluno a possibilidade de conhecer diversas histórias e de perceber como estas se digladiam. Compreender que a apropriação do passado é uma disputa permanente entre os diversos segmentos em uma sociedade marcada por tão profundas desigualdades.

A utilização de documentos, recortes de jornais, a literatura, podem-se constituir em um rico material para o trabalho em sala de aula. Este trabalho se torna ainda mais urgente face à forma convincente como a Indústria Cultural atua crescentemente na sociedade neste final de século.

Ensinar a analisar, duvidar, compreender que uma informação é sempre uma versão me parece ser uma das tarefas do professor de história. Acredito que trabalhando nesta direção estaremos possibilitando aos alunos o exercício de uma cidadania que caminhe para a superação das muitas diversas contradições que marcam e determinam nossa sociedade.

Referências Bibliográficas

- FERRO, Marcc. Falsificações da história.** Lisboa: Publicações Europa América, 1981, 289 p.
- _____ **A história Viglada.** São Paulo: Martins Fontes, 1989, 157 p.
- MONTENEGRO, Antonio Torres (org.) Casa Amarela: memórias, lutas, sonhos.** Recife: Departamento de Memória da Federação dos Moradores de Casa Amarela (FEACA), 1987, p. 89-90
- PINSK, Jaime (org.) Repensando o ensino da história.** São Paulo: Contexto, 1989, 120 p.
- RAUNET, Sérgio Paulo. As razões do iluminismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989. 349 p.
- SADER, Eder. Quando novos personagens entraram em cena.** Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1987, 329 p.